

UM ESTRANGEIRO, DOIS BRASILEIROS E TRÊS HISTÓRIAS LITERÁRIAS NO IMPÉRIO

Carlos Augusto de MELO¹

ABSTRACT: *This essay intends to analyze three Brazilian literary histories - Curso elementar de literatura nacional (1862), by Clergyman Fernandes Pinheiro; O Brasil literário (1863), by Ferdinand Wolf; and, Curso de literatura portuguesa e brasileira (1866-1873), de Sotero dos Reis - which have been qualified as pioneer works in our literary historiography. As long as such paper constructs an idea of our national historiography formation, it allows to reassess the later histories.*

O auge historiográfico foi conseguido através da construção das primeiras histórias literárias que traziam uma teoria e metodologia de pesquisa historicista. Essas histórias literárias se inspiravam no modelo histórico e, em seus estudos, valorizavam a obra de arte como “produto histórico” e o critério analítico histórico e social em detrimento da literatura. Havia também interesse pelo esboço biográfico dos artistas, pelos meios de periodização mecanicistas a partir da evolução política do país ou outros sem ligação direta à literatura, pela conceituação de influência e imitação artística, pela catalogação de livros, etc. Nesse sentido, tornaram-se conhecidas as perspectivas históricas, mecanicistas e científicas, de Sainte-Beuve, Taine, Gaston e, principalmente, de Lanson. Este último quem “transformou a Sorbonne na fortaleza do historicismo, a ponto de as idéias e diretrizes metodológicas por êle praticadas na sua cátedra e no seu famoso e influente manual de *Histoire de la Littérature Française* (1894) constituírem o ‘método lansoniano’, etiqueta local do método histórico”.(idem:12)

No Brasil, a manifestação historicista teve grande receptividade, durante o século XIX, por conta da necessidade de traçar a nossa história da literatura, nutrida pelo instinto nacionalista geral de tentar configurar uma história da nação brasileira como maneira de individuação e emancipação da pátria em relação à Metrópole. Uma história da cultura literária brasileira, servindo como um apêndice à história geral do Brasil, viria convalidar o *status* de nação que almejavam nesse período por ocasião da independência política. Os primeiros estudos historicistas sobre a nossa literatura foram feitos por alguns estrangeiros que, interessados pela cultura portuguesa e tendo o Brasil como colônia de Portugal, se deteram na produção literária de alguns brasileiros. E, assim, consideravam-na como representantes da literatura portuguesa, que, nesse caso, como disse Guilhermino César, “nossos autores ali figuraram, em alguns casos, sem nenhuma referência ao lugar de seu berço”(Cesar, 1978: XI) e participaram como

¹ Doutorando em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Esta pesquisa está sendo financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Proc. 05/60033-3). E-mail: guttomello@gmail.com

produtos que vinham enriquecer ainda mais a história da literatura lusitana. É o caso dos trabalhos: a *Geschichte der Poesie und Beredsamkeit* (1801-1819), de Friedrich Bouterwek (1765-1828), que estuda a literatura portuguesa no quarto volume, intitulado *Geschichte der Portugiesischen Poesie und Beredsamkeit* (1805); *De la littérature du Midi de l'Europe* (1813), de Sismonde de Sismondi (1773-1842); o *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1826), de Ferdinand Denis (1798-1890) e o *Parnaso lusitano ou poesias seletas dos autores portugueses antigos e modernos* (1826), de Almeida Garrett (1799-1854). (cf. Moreira, 1989)

Desse quarteto, o *Résumé* de Denis é o que mais se destaca pela consistência do ponto de vista da representação literária nacional, uma vez que traz um trabalho de análise séria sobre os autores e obras brasileiros e, mesmo vendo a literatura brasileira como integrante da Metrópole, realiza sua investigação à parte do conteúdo português. Há de se acrescentar que esse resumo apresenta-se como um discurso pioneiro a favor da emancipação da nossa literatura, o qual seria considerado, junto com as suas *Scènes de la Nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie*, de 1824, como o “Prefácio de Cromwell do Romantismo Brasileiro”. Tal discurso teve grande receptividade nas plagas brasileiras e veio ao encontro do sentimento de independência que cultivávamos, conseguindo estimularmos a tentar justificar que éramos uma nação também literariamente emancipada.

Do ponto de vista historiográfico, o *Résumé* configura-se muito mais como um frutífero manifesto romântico-nacionalista do que propriamente uma história, esquematicamente realizável, da evolução literária no Brasil. Haveria, sim, alguns traços de historização do fenômeno literário brasileiro, sem porém trazer em sua metodologia preocupações com sistematização que são próprias das histórias literárias. Como Guilhermino César salienta, “ao reconhecer que o Brasil, já nação independente ‘reclamava a história de sua literatura’, Denis desmembrou-a da de Portugal. Não a periodizou, porém, embora o fizesse no concernente à portuguesa (...)” (César, 1978: 28-29)

As histórias literárias do Brasil com padrões esquemáticos, aprofundados e consistentes, respeitantes à evolução do fenômeno literário nacional, apenas apareceriam, alguns anos depois, na década de 60, com o *Curso elementar de literatura nacional* (1862), do Cônego Fernandes Pinheiro; *O Brasil literário* (1863), de Ferdinand Wolf; e o *Curso de literatura portuguesa e brasileira* (1866-1873). Vale ressaltar que, muito antes do aparecimento dessa tríade pioneira de histórias literárias, acompanhou-se, no Brasil, um esforço conjunto de nossos intelectuais em busca da sistematização historiográfica do fenômeno literário nacional. Os esboços historiográficos mais conhecidos são os dos brasileiros Gonçalves de Magalhães (1811-1882), Varnhagen (1816-1878), Santiago Nunes Ribeiro (?-1847), Pereira da Silva (1817-1898) e Joaquim Norberto (1820-1891), publicados como introduções de “florilégio” e “parnasos”, bem como ensaios em jornais e revistas da época. Dos historiadores, Joaquim Norberto foi quem mais próximo chegou da construção de uma história literária.

Se Joaquim Norberto não conseguiu o mérito de oferecer, depois de tanto esforço, uma história literária brasileira aos seus conterrâneos, caberia ao seu colega de trabalho,

o Cônego Fernandes Pinheiro², granjear tal título com o seu *Curso elementar de literatura nacional*, publicado como compêndio didático, aos alunos do Colégio Pedro II em 1862. A década de 60 seria profícua para o surgimento de outras precursoras manifestações de histórias literárias, pois, já no ano seguinte, sairia do prelo *O Brasil literário*, de Ferdinand Wolf, e, mais adiante, em 1866, o *Curso de literatura portuguesa e brasileira*, de Sotero dos Reis.

O Cônego Fernandes Pinheiro pretendia escrever um estudo da história da literatura nacional e acabou elaborando uma narrativa sobre as duas literaturas: portuguesa e brasileira. Ele considerava o fenômeno literário do Brasil, antes do movimento romântico, como pertencente à Metrópole, já que, seguindo a leitura de seu "orientador" Denis, não verificava ainda na produção literária da colônia os traços *originais* que poderiam oferecer a independência literária ao país. Assinala que, mesmo observando uma "fisionomia própria" na obra dos brasileiros, advinda da influência exercida pela nova terra, diferenciando-os dos portugueses, ainda não era possível considerar que constituíssem uma literatura independente. Para ele, a influência do meio geográfico e social e a língua de um país não podem servir como fatores definidores de uma literatura própria. Isto só aconteceria se "o clima, a religião, a forma de governo, os usos e costumes" (Pinheiro, 1883: 10) tivessem o poder de atuar decididamente sobre a literatura dos povos, o que, segundo ele, estava longe de acontecer. A independência literária estaria ligada, então, à *originalidade* dos escritores, que, no entanto, ainda não era possível enxergá-la nos versos de nossos antepassados literatos.

O Cônego demonstra que a falta de originalidade de nossos brasileiros deve-se, em parte, à educação que eles então recebiam que era a mesma a dos portugueses, enfim, européia. A educação orientava-os a imitar os modelos literários já preestabelecidos pelas matrizes, afastando-os do caminho que os levaria a obter uma literatura original, conseqüentemente, própria. Este ponto de vista assemelha-se, um pouco, a do citado português Almeida Garrett, pois, segundo Afrânio Coutinho, considerava também que a educação européia conduzia os nossos escritores à imitação da poesia européia, "a qual embotava ou apagava o espírito nacional." (Coutinho, 1968: 21) A questão da originalidade da literatura, no *Curso elementar*, é o fator decisivo para distinguir a literatura brasileira da literatura portuguesa. O Cônego só admite uma literatura nacional a partir do momento que observa, nas produções literárias de nossos brasileiros, um cunho original. Ser original é possuir idéias próprias, independentes das influências das matrizes européias. Isto só viria acontecer alguns anos depois da independência política do Brasil, quando aparece, em Paris, o jovem Domingos José Gonçalves de Magalhães com seus *Suspiros poéticos e Saudades*, que daria início à literatura propriamente brasileira. Enfim, constitui a trajetória histórica das literaturas portuguesa e brasileira, baseando-se nas datas da evolução política e literária de

² Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro nasceu em 1825 no Rio de Janeiro. Teve formação religiosa e, logo cedo, exerceu o magistério no Seminário Episcopal de São José. Em 1857, foi nomeado professor de Retórica, Poética e Literatura Nacional do Colégio Pedro II, permanecendo nesse cargo até seu falecimento em 1876. Participou de várias associações e agremiações nacionais e internacionais e contribuiu com artigos nos mais importantes periódicos românticos do país. Sua bibliografia constitui, na maioria, de livros didáticos por ocasião da atividade como professor. (cf. Melo, 2006)

Portugal. Na análise, porém, o Cômego entra numa periodização por meio de épocas, sob o instinto de percepção romântica, subdividas por gêneros literários, que revela uma profunda confusão da formação retórica e historicista do autor:

Também de caráter didático é o *Curso de literatura portuguesa e brasileira*, de Sotero dos Reis³, e representou, para muitos, como a Antonio Candido, ser “sem dúvida, apesar de tudo, o mais considerável empreendimento no gênero, antes de Sílvia Romero” (Candido, 1971: 354) e, mais, “o primeiro livro coerente e pensado de história literária, fundindo e superando o espírito de florilégio, de biografia e de retórica, pela adoção de métodos de Villemain. Merece, portanto, mais do que lhe tem sido dado.” (p. 356) Como o Cômego, Sotero dos Reis desenvolve seu curso acompanhando um estudo sistemático das literaturas portuguesa e brasileira. São cinco volumes. Os três primeiros são reservados exclusivamente à literatura portuguesa, enquanto parte do quarto e do quinto volume à literatura nacional. Nesse sentido, especificamente no livro VI, do quarto volume, Sotero dos Reis desenvolve o tópico chamado “Literatura Brasileira”, no qual há um estudo dos “principais” escritores brasileiros como, por exemplo, Durão, Basílio da Gama, Sousa Caldas, Gonçalves Dias, Mont’Alverne, etc. Em seu estudo historiográfico, tenta analisar as literaturas a partir da concepção da existência de três diferentes espécies: a clássica, a romântica e a bíblica, “porque cada uma dellas apresenta feições caracteriscas, que lhe são proprias, ou um certo cunho particular, por onde se distingue das outras.” (Reis, 1866, t. 1: 6). A partir daí, a sistemática de Sotero dos Reis segue um esquema purista de contextualização histórica, exposição biográfica e, por fim, análise direta da obra que, dessa maneira, vai se tornando bastante claro e coerente do ponto de vista da representação literária das duas nações. No seu procedimento historiográfico percebe-se a clara influência da posição de Villemain que, segundo Sotero dos Reis, tinha “compreendido melhor a necessidade de fazer um estudo sério e aprofundado desta segunda parte, dando-nos a análise das produções do gênio em cursos especiais, onde tudo quanto respeita à literatura de diversos povos é tratado e exposto com o preciso desenvolvimento.” (idem: 6-7)

Essa admiração pelo mestre Villemain não o deixa escapar de todo da formação retórica de que foi criado, uma vez que revela nas análises críticas das obras a necessidade de exaltar por meio do belo e da habilidade estética, além de utilizar-se do sistema comparativo entre os grandes cânones da literatura mundial como tentativa de igualar a capacidade poética dos autores nacionais e reivindicar a sua respeitabilidade no meio literário. Estudando Sousa Caldas, introduz que este “grande poeta que foi, segundo atesta o seu dialecto poetico e apurado gosto, um dos mais genuinos representantes da escola de Camões, florecêo no reinado de D. Maria I, e na regência do príncipe D. João que reinou depois como o título de D. João VI, e foi contemporaneo de Francisco Manoel e de Bocage, aos quaes igualou em talento, e excedêo em instrução.” (Reis, 1868, t. 4: 230)

³ Francisco Sotero dos Reis nasceu em 22 de março de 1800, na cidade de São Luiz do Maranhão, onde, no dia 16 de janeiro de 1871, também faleceu. Exerceu funções dentro da política, do jornalismo e do magistério. Porém, ficou muito mais conhecido pelo exercício da carreira acadêmica e, principalmente, pelas suas produções bibliográficas oriundas dela. Ocupou-se em estudar a gramática da língua portuguesa e a literatura portuguesa e brasileira. (cf. MOISÉS, 1967: 211-212.)

Desejoso de inserir o Brasil como nação aos demais países da Europa, o Imperador conferiu a Ferdinand Wolf⁴ a tarefa de escrever uma história da literatura brasileira que pudesse demonstrar para os demais países europeus que havia uma tradição intelectual e literária no país. *Le Brésil littéraire (O Brasil literário)* configura-se por meio de uma metodologia diferenciada das duas anteriores, pois se trata de uma história da literatura brasileira sem trabalhar com a literatura portuguesa. Sem conhecer diretamente a nação brasileira, Wolf utiliza-se do material e das informações de amigos brasileiros, como Gonçalves de Magalhães e Porto Alegre, para confeccionar sua história.

Como deixou claro, sua sistematização é totalmente inspirada na divisão da história da literatura brasileira do historiador Joaquim Norberto, encontrada no livro *Modulações Poéticas* de 1841, tendo apenas uma modificação “na fusão que fazemos do 4º. e do 5º. Períodos num só a nosso 4º, visto que a declaração da Independência, seja qual for a importância política que tenha tido, não nos parece que tenha tido influência bastante sobre a literatura, além de ter determinado uma época de transição dificilmente perceptível.”(Wolf, 1955: 8) Nessa divisão, Wolf se confunde, pois a periodização presente no livro engloba cinco períodos, mesmo declarando em nota, como transcrevemos acima, a fusão dos dois últimos períodos. Desse modo, o que encontramos no conteúdo do livro são esses períodos: 1º. Descobrimento ao final do século XVII; 2º. Primeira metade do século XVIII; 3º. A outra metade do século; 4º. Do início do século XIX até a emancipação literária de 1840; 5º. De 1840 à atualidade do autor; (idem: 7-8) A leitura historiográfica de Ferdinand Wolf compreende a narração da história política do país e, em seguida, apresentação dos mais representativos escritores e obras, tudo guiado pela verificação da emancipação literária do país através da identificação dos traços distintivos nacionais que denotam o desligamento e a diferenciação da literatura da Metrópole.

Essas três histórias literárias trouxeram os primeiros traços formais e teóricos que configurariam esse gênero historiográfico no país no que diz respeito, pelo menos, à periodização histórica, à análise da produção literária, à constituição do quadro canônico de autores e obras e à tendência nacionalizante, que, de uma maneira ou de outra, seriam sustentados pela grande maioria de nossas histórias literárias. Seguindo a tendência romântica, adotaram o método histórico, onde a literatura era “entendida como se fosse inteiramente determinada pelas revoluções políticas ou sociais de uma nação, e problema de determinar os períodos é endossado aos historiadores políticos e sociais, cujas divisões e períodos são adotados usualmente e sem questão.” (Wellek, 1971: 332) Coberta pelo instinto de exaltação nacional e influída pelo desejo de destacar a emancipação brasileira, a tríade romântica pioneira analisa sistematicamente a evolução da literatura brasileira de acordo com os marcos decisivos da história política, destacando os traços peculiares da literatura nacional que denunciavam o afastamento literário diante da literatura da Metrópole.

⁴ Ferdinand Denis nasceu e faleceu em Viena (1796-1866). Trabalhou na Biblioteca Imperial de Viena, onde encontrou o primeiro volume do *Romance da Raposa*. Dedicou-se ao estudo historiográfico das literaturas da Espanha e de Portugal. No Brasil, tornou-se conhecido pelo livro *O Brasil literário*, considerado pela crítica como o primeiro livro sistemático de nossa literatura brasileira feita por um estrangeiro. (cf. Menezes, 1969, v. 5: 1332.)

Elas tornaram-se bastante representativas no círculo intelectual da época e foram vistas como produtos sérios de consulta e estudo, tendo um reconhecido valor para a tradição da historiografia literária do Brasil. Até o momento, nota-se que os críticos literários, mesmo reconhecendo esse valor, dedicaram-se apenas a escrever breves comentários e citações a respeito de seu marco histórico em relação a nossa historiografia, bem longe de fazerem estudos específicos e sérios de sua representação para a nossa história da literatura.

Referências bibliográficas:

- CANDIDO, A. (1971) *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins.
- _____. (1988) *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: EdUSP.
- CESAR, Guilhermino. (1972) *Historiadores e críticos do Romantismo: a contribuição européia – crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EdUSP.
- COUTINHO, Afrânio. (1968) *A Tradição Afortunada* (o espírito de nacionalidade na crítica brasileira). Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: EDUSP.
- MELO, Carlos Augusto de (2006) *Cônego Fernandes Pinheiro (1825-1876): um crítico literário pioneiro do Romantismo no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária). Campinas: IEL/UNICAMP/SP.
- MENEZES, Raimundo de (1969) *Dicionário literário brasileiro ilustrado*. São Paulo: Saraiva, v. 5.
- MOREIRA, Maria Eunice. (1989) *Nacionalidade e originalidade: a formação da literatura brasileira no pensamento crítico do Romantismo*. 275 f. Tese (Doutorado em Letras.) Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS.
- MOISÉS, Massaud et PAES, José Paulo. (1967) *Pequeno Dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix.
- PINHEIRO, J. C. Fernandes. (1883) *Curso elementar de literatura nacional*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier.
- REIS, F. Sotero dos. (1866) *Curso de literatura portuguesa e brasileira*. Maranhão: Typ. de B. de Mattos.
- WELLEK, René et WARREN, Austin. (1971) *Teoria da Literatura*. 2 ed. Lisboa: Publicações Europa-América/Biblioteca Universitária.
- WOLF, Ferdinand. (1955) *O Brasil literário: história da literatura brasileira*. (trad. Jamil Almansur Haddad). São Paulo: Companhia Editora Nacional.